

**QUINIA-FEIRA**  
Lisboa--3 de Setembro de 1931

**5 T. TOES**

**6.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**276**

sempre

**fixe**

semanario  
humoristico



Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA 97

# UM CARTAZ...

(O Concurso das Costureiras no Coliseu e na Costa do Sol)



Pedro Bordallo-Erico Braga-Felix Correia. Um lindo "travesti"! Se têm os corpos das gentis costureiras, são deles as ricas cabeças que imaginaram o sensacional concurso.



# Os ditos da semana



**As teras** O Jardim Zoologico foi campo de batalha. Os tiros andaram lá por dentro como se aquilo fosse uma carreira de tiro. E nem ao menos a Sociedade dos Amigos do Jardim pode aumentar os preços, como em dia de festa com atrações, porque isso então é que seria um grande tiro.

O panico entre o pessoal foi enorme, mas não foi menor na jaula dos leões, onde o rei dos animais, sabendo que se tratava duma revolução republicana, chegou a recear que o quizessem destinar, tanto mais que o leão velho ainda é do tempo de D. Manoel e bem sabe que é assim que os reis se deitam abaixo. A aguia real que tambem teve seu bocado de susto, chegou a subir para o pinaculo da rocha que dentro da jaula faz de montanha, muito convencida de que, atingindo o mais alto pinaculo que é dado a uma aguia atingir, não haveria balas humanas que fossem capazes de lhe arrancar a mais pequena das penas do rabo.

E só os elefantes, julgando que tambem eram gente, começaram a estender a tromba, a «estender a mangueira» como se diz em gíria popular.

E afinal tudo acabou em bem.

Dos tigres, dos chacais, dos leões, das panteras, dos leopardos, das hienas, nenhum foi atingido. Victima foi apenas um antílope, cujas pernhas estilizadas de menina da moda, parecem nem ter espaço para levar um tiro. E porque? Porque o instinto de conservação os fez recolher a todos no fundo das jaulas, logo que o leão velho, ás primeiras detonações lançou o seu grito de alarme:

— Fugam que aí vem as teras. E fugiram. E salvaram-se.

**Debaixo d'agua** Dizem noticias da America que dois sabios, os srs. William Beebe e Oto Barton, vão descer ao fundo dos mares tropicais num globo de aço, para estudar.

Deve ser mentira.

Começa porque o sabio William Beebe não deve existir na America. Com a lei seca ninguem bebe, no novo mundo, nem mesmo um sabio que se chame William. Depois se eles já são sabios o que é que teem mais que estudar?

Ou não são eles sabios e querem aprender alguma coisa de baixo de agua?

Se assim é, nem mesmo nessas condições conseguirão levar a palma ao Lasso Romão Gonçalves, que é capaz de fazer debaixo d'agua tudo aquilo que nós fazemos cá em cima e até dar o dó de peito, que nós não damos nem lá em baixo, nem cá em cima. E o Romão, que tais maravilhas opera, não bebe agua como o sabio Beebe. Só bebe Romanini.

Que tentem pois os sabios americanos a sua viagem maravilhosa, com o seu poderosissimo projector, susceptivel de atrair os seres misteriosos da fauna submarina, que os estudem e vejam se são capazes, nuns rapidos momentos, e atravez dum globo de aço, de conhecer uma fauna que nunca se viu, no que pomos serias duvidas. Ha milhares de anos que o mundo é mundo, que o homem lida, tu cá tu lá, com todas as faunas terrestres e ainda não foi sequer capaz de conhecer o seu semelhante. Mas que não venham intrujar-nos, fiados em que nós não tomamos tambem ao fundo do mar.

Se eles trouxerem peixes de mais nós lhe daremos o arroz... para o cosinhar. E até á volta.

**Um terramoto** Noticiava ha dias o papá «Diario de Lisboa» que, para se vingar de uma sua rival, uma mulher se deixára cair sobre outra, com toda a violencia dos seus 100 quilos de peso. Não se pode dizer que a victima estrebuchasse, porque assim metida na prensa e espalmada, nem lhe havia talvez de sobrar espaço para abrir a boca num ai dolorido. Não gemeu, não tugiou nem mugiu, mas aguentou, até que os transeuntes se resolveram a tira-la da situação critica em que se encontrava.

Pretendia assim a agressora convencer a rival a abandonar-lhe o marido e não se pode dizer que o não fizesse com argumentos de peso, absolutamente esmagadores.

O mais curioso é que a pobre creatura, ao ser liberta-

da, estava convencida de que tinha havido um terramoto e ficara soterrada debaixo da estação do Rocio.

**Anuncios** Isto já é uma «scie»: mais uma vez recorreremos ao nosso fornecedor habitual, ta ta ta etc. e tal — o leitor já sabe o resto...

Vamos pois aos anuncios:

## CRIANÇA

Toma-se conta de criança desde os 3 até aos 20 anos, encarregando-se da sua educação, pensão modica. Carta á R. Augusta, 270. 1.ª, a £. Q. 7470.

Desde os 3 até os 20 anos?... Crença?

Será por isto que quasi todos os dias se ouve as varinas bramar a matulões de barba na cara:

— Queres mama?

## VIDA

Rec. diferença sensivel costume nem aludes m. e. descul. m. notic. te aborreeram. Saud. m. saud. — Nik

Pode estar tranquilo. As suas noticias não aborreeram a sua «Vida». Ela pelo contrario gostou muito e ficou ainda com m. saud. Continue, pois a dar-lhe sempre notic. que a diferença sensivel desaparece e, para outra vez já ela alude ao m. e. e escreve-lhe uma carta toda X. P. T. O.

# Francisco da Silva-Passos



O inspirado poeta, que tão belos versos tem medido, não terá mãos a medir para receber os aplausos e abraços dos seus amigos e admiradores na homenagem de dia 3. de «Marta Vitória» todos irão vitoria-lo.

sempre  
**fixe**

**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas... { Ano: 26\$00  
Semestre: 13\$00  
Trimestre: 6\$50

Colonias portuguesas... { Semestre: 15\$00  
Ano: 30\$00

Estrangeiro... { Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

**Anuncios** Isto agora, é, por tabela.

**TEATRO**

«RETROZ PRETO...»

# Maria Cristina

ERICO Braga tomou parte no concurso de natação que se realizou no domingo passado no Estoril.

Apareceu na piscina com um estupendo *maillot*, de riscas cor da pele de zebra, mas não tomou banho.

Suspeita-se que tivesse recelo de que o seu formoso *capachinho*... descolasse com a agua!...

■ ■ ■

QUEM é o artista que tem a alcunha de *pêcego-careca*?...

■ ■ ■

—SE o Lopo Lauer, empresário do Maria Vitoria, tivesse o génio irascível de Vitor Lopes, o que sucederia no Parque Mayer?

■ ■ ■

UM actor de comedia dos da primeira plana foi convidado a assumir a direcção duma companhia de revista.

Como se tivesse apresentado ao empresário com ideias novas, o caso ficou para resolver — a vêr se as ideias envelhecem...

■ ■ ■

ESTREIA-SE brevemente, no Trindade, a comedia *Pérola da China*... ou a mercearia da rua da Palma.

■ ■ ■

E *Os Meninos de Ouro*? Nem baptisados foram!... No entanto, tinham um bom *contraste*...

■ ■ ■

REABRIU o Apolo com o *Cine-Sonoro*.

O publicou gostou! Não admira ele gostar tanto de sonoro...

■ ■ ■

A *Cigarra* cantou no teatro Variedades, mas a *formiga* também não encheu o papo...



Depois da imitação de artistas, vai fazer a imitação de frutos. Dizem que imita muito bem o «pêcego» careca.

A actriz Maria Helena vai entrar num filme.

Consta que, devido á sua pele morena, o realizador requisitou mais luz...

■ ■ ■

AFINAL, no grande concurso de natação do Estoril, a que foram artistas e coristas dos teatros da capital, ninguém tomou banho.

Sim, porque da prancha á agua ainda vão uns poucos de metros, não havendo nenhum que goste de cair de tão alto.

CONSTA que Raul de Carvalho volta para a comedia.

Quem ha de fazer agora os *chevaliers* das revistas?...

■ ■ ■

MAIS outra do concurso nautico do Estoril, quando a Georgina Cordeiro apareceu:

— Halakawa!  
— O quê, o actor japonês Haia-kawa?!  
— Não! Ai! a cava do *maillot* da Georgina!...

AINDA outra do concurso do Estoril, entre duas admiradoras:  
— Então os actores não nadam?  
— Nadam e muito! Andam todos a nadar!...

■ ■ ■

NA sua viagem para o Brasil, desembarcou na Madeira, tomando o comboio para Santarem, o actor Rafael Marques...

■ ■ ■

SAMWELL Diniz, o marquês do *Beijo na face*, está a banhos na linha do Estoril, tendo conseguido arranjar uma praia só para ele...

Tambem o que vale é que ele cabe em qualquer parte!

■ ■ ■

O teatro Avenida fechou, para remodelação da revista *Ai-ló*.

Entretanto, os artistas fazem *óó!*

■ ■ ■

A popularissima revista do teatro Maria Vitoria está agora ainda mais popular, com os preços populares, que era só o que faltava ser popular.

■ ■ ■

NO concurso de natação do Estoril, *dolscotós*, ao pó da prancha:

— Então, *elas* não se atiram?  
— Não, quer se atira somos nós!...

■ ■ ■

A última do concurso do Estoril:

Houve um *maillot* que apareceu sem ninguem dentro...

■ ■ ■

A irrevogavel do concurso. Durante os saltos do sr. Emilio Renon:

— O' Nascimento Fernandes, tu és capaz de dar um salto daqueles?

— Nem daqueles, nem dos outros. *Salto*, perco-os sempre!...

© HOMEM DE TODAS AS HORAS



—Pede vinho? Dá-se-lhe o vinho...  
—Não, obrigado.



—Pede agua? Dá-se-lhe a agua...  
—Não, obrigado.



—Pede vinho? Dá-se-lhe a agua...  
—Não, obrigado.



—Pede vinho? Dá-se-lhe o vinho...  
—Não, obrigado.

## Um homem feio

A Clotilde — diziam as amigas — tinha um dedo especial para escolher os homens.

Calcula-se até que fôsse o dedo indicador, porque lhe indicava sempre um homem perfeito, esbelto, enfim, «uma beleza de homem», como diriam certas senhoras nossas conhecidas...

Em toda a parte, nos teatros, nos cinemas, nos «dancings», a encantadora Clotilde apresentava orgulhosamente os seus favoritos, mais sortidos que uma caixa da «Favorita». E as amigas raivavam-se de inveja ao ver as super-conquistas com cem por cento de bom gosto, obtidas pela nossa Clotilde — a «Clotilde dos homens bonitos», como elas lhe chamavam.

Ora um dia, em casa duma das suas amigas, realizava-se um destes bailes em que as mulheres se convidam para uma apreciação mútua de vestidos, e aos homens para uma especie de pesca milagrosa...

A nossa Clotilde que, como poucas «pescava» do assunto, tratou de procurar apresentar-se vestida de forma a envergonhar todas as assistentes, incluindo uma das filhas do dono da casa, que era «assistente» dos Hospitais Civis.

Se bem o pensou, melhor o comprou...

E no dia da festa, já um pouco depois da meia noite, estava o baile no auge da animação, a Clotilde fez a sua entrada triunfal na sala de baile, pelo braço dum cavalheiro, que, como o vestido, as amigas nunca tinham visto.

Desta vez, porém, o escândalo foi enorme. Não porque alguém se admirasse de lhe ver um vestido ou um homem novo... Mas porque, se o vestido era realmente um encanto, o homem era tão feio que punha absolutamente por terra os creditos da «Clotilde dos homens bonitos»!

E foi tão grande o «insucesso» da sua entrada, que uma das suas amigas não se conteve que não lhe perguntasse em voz baixa:

— Parece impossível, Clotilde, você ter um amante tão feio!

A Clotilde, então, respondeu indignada:

— Um amante? Parece impossível que vocês me julguem com tão mau gosto!

E, noutro tom, explicou:

— Este... é meu marido!

N.



— V. ex.<sup>a</sup> não sabe que não se pode pôr a tocar a telefonia depois da meia noite?

— Não é isso, sr. guarda. É meu filho mais velho que está com uma terrível dor de dentes...

## Dr. Balbino do Rego



Um especialista de doenças de senhoras, e de impressões... digitais.

# Tac-Tac-Tac

As delicias do verão! Logo que chega o outono, em meio de outubro, e durante quasi seis meses — meio ano! — toda a gente se não cansa de desejar o verão

— Ai, quem me dera já cá o verão!

Espirra? «— Raios partam o inverno! Se chego ao verão, nem caibo em mim de contente.»

Tem uma dor num ombro, ou nas cadeiras, por sobre as nalgas? «— Estupor d'inverno, que me eu che de reumatismo! Quem me dera já cá o verão!»

Tem frieiras nos pés? «— Que seca! Isto, agora, só o pó de maio...»

E é assim. E não ha Natal nem Páscoa, nem Carnaval que façam esquecer a chuva e o vendaval dessa estação hibernal, como dizia, nos seus primorosos versos, aquele poeta de dentes de cavalo, primo ingénito do João Maria Sevilha e seu companheiro assíduo, que eu conheci em Cabeço de Lava-Rabos.

Lembro-me disto, agora, porque o desnalgado criança, que apenas tem 21 anos e já fez o curso dos liceus, duma vez em que recitava uma mistéla qualquer que compuzera, deitava pela dentuça fóra uma tal quantidade de gafanhotos que parecia chuva e nos constipou a todos quantos lhe ouviamos as pachochadas. Foi d'aí que lhe veio o nome (com que passará a historia) do Menino Fahnôto, e vir-me a sua figura desengonçada á memoria, sempre que falo de constipações.

Mas deixemos o criança e vamos ao verão que, depois de tão desejado, é tão detestado, como verão.

Estamos em agosto. São precisamente dez horas da manhã. Um vento sinistro enche as casas de poeiras malfazejas; e, dum céu plúmbeo, cai uma chuvinha impertinente. Um friozinho húmido invade-nos os ossos.

Fecham-se as janelas, fecham-se as portas, fecham-se as gavetas e

fecha-se a boca, para a gente não se constipar, «que elas de verão inda são piores do que no inverno...»

Passam na rua os vendedores ambulantes apregoando as suas mercadorias, e passam as horas no mostrador do relógio, cujo tac-tac não é senão uma especie de pregão.

E' meio dia. O céu está carregado, pesado, bronzado. Toda a gente anda enervada, contrariada e malcriada. Faz um calor de rachar! Um calor de anazes. Um calor de escacha-peveguetro. (Já repararam que já aprendi a escrever quasi tão bem como o Antonio Ferro?)

Toca a abrir tudo. Abrem-se as portas, abrem-se as janelas para entrar bastante ar, abrem-se as bocas para mais á vontade respirar, e abrem-se as gavetas donde se tira o dinheiro para mandar comprar gelo e uma melancia que seja boa e esteja calada, p'ra a gente a conhecer bem.

A proposito (eu peço desculpa destes enxertos de fenda, que eu faço nos meus engraçadíssimos artigos), a proposito: «qual é a diferença entre a melancia e a mulher?» Eu digo: «é que a melancia, depois de ser calada, não tuje nem muje; e a mulher, depois de calada, não pára enquanto não dá com a lingua nos dentes.

Pois, então, vêm o gelo e a melancia. Gela-se o vinho, gela-se a agua e põe-se a melancia no poial a refrescar.

Quando, ás cinco horas da tarde, a familia, reunida na varanda das trazelras, vai saborear a polpa macia da cucurbitacea apertitosa, tem de se fechar tudo outra vez, porque o sol se encobriu e faz um frio de rachar os ossos!...

E andou toda a gente, durante quasi seis meses, a suspirar anciosa pelo verão, para isto...

Ora, coza franqueta: — bolal' pr'ô inverno!

CIRANO DE VELHOFRAG.

## Graça dos outros

Na rua, assakado por dois meliantes:

— Verdadeiramente, você pensa roubar-me?

— Não, senhor! Isso é tarefa do meu companheiro. A minha missão é dar-lhe uma paulada na cabeça...

\* \* \*

O homem do guarda-chuva: — Quantos anos tens?

O miúdo, ladino: — Seis!

O primeiro: — Seis, e és mais pequen que o meu guarda-chuva?

O segundo: — Quantos anos tem o seu chapéu?

\* \* \*

Entre amigos:

— Ouvi dizer que perdeste a tua fortuna nos Estados Unidos.

— E' verdade! Metade gastel-a em embriagar-me; outra metade no pagamento das multas...

\* \* \*

No atelier do pintor.

O pintor: — Este quadro é uma paisagem cubista!

O amator: — Cuba deve ser horrivel!...

\* \* \*

Entre miúdos:

Joaninha: — Tu hoje parece que perdeste a memoria!

Antonito: — Porquê?

A primeira: — Porque é a segunda vez que lavas hoje as mãos...

\* \* \*

Num baile:

Ele: — Eu e v. ex.<sup>a</sup> estamos sempre de acôrdo.

Ela: — Ah, sim! Mas eu não de-sejo casar.

Ele: — Nem eu, minha senhora. Como vê, estamos de acôrdo!...

\* \* \*

Despedidas:

O marido: — Até á volta, minha querida. Não me esqueço de ti. Todos os dias te escreverei um postal.

A esposa: — Olha, meu amôr, escreve-me tambem um vale de correio!...

\* \* \*

A pequenita: — A mamã não me disse esta manhã, quando me explicava gramatica, que o masculino deve estar sempre em concordancia com o feminino?

Ela: — Disse... e então?

A pequenita: — Então porque é que a mamã está sempre á bulha com o papá?!



Ela: — Sim, adoro-te. E tu?

Ele: — Eu amo-te como tu me amas, meu querido.

Ela: — Só? Então já não te podes tragar...

## Elevador da Gloria

Actualidade feminina:

O marido: — Porque me queres oferecer, no dia do meu aniversário, perfumes dos mais caros, se és tu que os usas?...

A mulher: — Porque és tu que os respiras...

\* \* \*

Na praia:

O marido: — Maria! Maria! Encontrei a camisola vermelha que ha três meses tinha perdido!

A mulher: — Onde estava?

O marido: — Debaixo da camisa!...

\* \* \*

Ela: — Pode-se viver sem apendice, doutor?

O cirurgião de fama: — A senhora, sim; eu, não!...

\* \* \*

Na livraria:

Ele: — Permita-me, querido mestre, que lhe leia um dos meus dramas. V. ex.ª é o primeiro a ouvi-lo!

O outro: — O primeiro? E esse olho que o senhor tem escalavrado?...

\* \* \*

Na pastelaria:

O freguês: — Estes bolos estão cobertos de mósca!

O caixeiro: — Ainda bem! Assim não se enchem de pó!...

\* \* \*

O homem magro: — Tu esta noite bebeste muito!

O homem gordo: — E tu muito pouco!...

\* \* \*

Ela: — Porque me compraste estas camisas tão grandes?

Ela: — Porque custam o mesmo que as pequenas, e porque não queria que o camiseiro soubesse que estava casada com um homem tão pequeno como tu!...

\* \* \*

— Então, deitei-lhe ambas as mãos ao pescoço, e sóco dum lado, bofetada do outro...

— Mas... se o agarravas com as duas mãos, como é que?...

— E' que os sócos e as bofetadas era ele quem m'as dava...

\* \* \*

Ela: — Se alguma vez viesse embriagado para casa, estava um mês sem te falar!...

Ele: — Não me tentes, Maria, que a bebida faz-me muito mal!...



— Tu achas a bolsa a boa para me levar?

— Não, é pouco bonita a tua mãe...

## Concurso de "maillots"



— Que admira que elas ganhassem o concurso se estão todas habilitadas com o cur. o de «maillot» nas revistas?

## Crónica Cosmopolita

Um jornal da Noruega, que é o *Sempre Fixe* de pernas para o ar, isto é puxa á lagrima em vez de escancarar o riso, deu ha dias as seguintes disparatadas noticias: na Cristiania, as sardinhas estão alcançando um preço fabuloso e, no mar do Norte, afundaram-se os tripulantes dum aeroplano com vergonhosa resignação.

Protestamos contra tais absurdos. Dizer que as sardinhas andam por alturas das nuvens e os aviadores vão visitar o fundo dos mares é de bór uma pessoa rilhalesca em pouco tempo.

\* \* \*

Uma das maiores calamidades acontecidas nos últimos tempos consiste na pasmosa greve feita pelos relojoeiros de Berne, que pedem as oito horas de trabalho.

Imaginem o que será um relojoeiro que pede oito horas de trabalho e tem que fazer um relógio com 24!

Roubando 16 horas, como poderá ele construir um relógio decente e responsável?!

Abaixo portanto, a greve dos relojoeiros de Berne!

Ainda não chegou a sua hora!

\* \* \*

Para certo país foi, como embaixador de França, um diplomata possuidor duma linda mulher.

Era tão apetitosa, que em casa do embaixador havia sempre bicha de cavalheiros a cumprimentá-la. Até que um dia, o marido, farto de tanta visita, disse a um fidalgo da corte:

— Agradeço deveras a honra que me fazem vindo a minha casa, mas tenho a prevenção de que tudo isto é tempo perdido. Durante o dia, não largo a minha

mulher, e durante a noite faço o possível por lhe provar que os outros homens são todos uns imbecis...

\* \* \*

A cena representa uma *garçoniere* discreta dum ruído boulevard. Os Margis, esposos, visitam o Jean Richard, celibatário.

O marido Margis está radiante. Aquele bocadinho de pecado sabe-lhe bem por ser saboreado juntamente com a esposa, a quem toda a vida foi fiel.

Tomam chá. Depois despedem-se e o Margis tem uma nodoa no casaco.

— Tens aí uma escova?

O Jean Richard procura a escova e, como não a encontra, a esposa Margis não se contém e diz:

— Nunca sabes onde pões as coisas. Está no seu lugar, na gavetinha do *toilette*.

Rideau.

\* \* \*

Em toda a parte ha varias qualidades de mulheres:

Mulher-quiosque: 150 quilos.

Mulher-bengala: encosto.

Mulher-cipreste: tragedia.

Mulher-arenque: moda.

Mulher-hornem: esta e aquela.

Mulher-fruta: «são teus olhos azeitonas...»

Mulher-monumento: por onde tem passado as glorias nacionais.

Mulher-corbato de mercado: bota de elástico.

Mulher-aviadora: aqui e além.

Mulher-moço de transporte: dois em um.

DR. DAQUEDALI.

## A retalho...

Um «poeta» — ou o nosso país não fôsse uma terra de liricos! — enviou para um nosso «concorrente» da provincia, que a publicou, a seguinte «produção»:

Vai haver, e muito bem.  
Em breve *O Dia da Mãe*.  
E depois, decerto vai  
Haver o *Dia do Pai*.  
Seguidamente, e com brilho,  
Será *O Dia do Filho*.

Mãe sem pai não faz sentido,  
Pois que a mãe nunca o será,  
Quando o pai não seja ouvido.  
Pai em mãe, também não ha.  
E quanto ao filho, também  
A verdadinha ai vai:  
Não pode existir sem pai  
Nem pode existir sem mãe.  
Pois se a mãe é mãe do filho,  
O filho é filho da mãe.  
Portanto acho muito bem.

\* \* \*

Durante um recente «copo de agua», oferecido a um grupo de jornalistas da capital, entre os quais se encontrava o nosso espiantoso e belo camarada Aprigio Mafra, notou-se, com bastante «pezar», a ausencia do nosso conhecido Benoliel. Objecção, a tempo, de Mafra:

— Se não vem, faz-se representar por alguém da familia... Ele não gosta de ficar a perder...

E assim succedeu. Benoliel, pai, não apareceu, mas surgiu, nesse mesmo instante, afogadoado, Benoliel, filho, *reporter fotográfico* do A. B. C., de Lisboa

O Mafra:

— O teu pai?

— Não sei d'ele...

Aquele jornalista, com ironia:

— Então deve estar muito decente...

— Talvez...

O Mafra, em aparte.

— Este filho do Benoliel anda a aprender para judeu...

\* \* \*

Um nosso colega no jornalismo, para tentar melhor futuro, foi para o Rio de Janeiro, conseguindo colocação, após algumas contrariedades num pequeno diario cariceca.

Chegado o dia 20, habituado como estava em Lisboa a me'er vales, chegou á administração do jornal brasileiro e pediu para lhe satisfazerem um vale de cem escudos.

Recebeu uma nega, por motivos que desconhecemos, e veio desolado para a redacção, onde, ao notarem o seu abatimento, lhe perguntaram, naturalmente, o que tinha. Contou o que lhe havia sucedido e teve este desabafo final, imitando o cardeal português da *Ceia dos Cardcals*:

Oh! como é diferente o vale  
em Portugal... e  
Quão triste é  
o viver do pobre Zé...

O jornalista em questão chama-se, e que seja por muitos anos ainda, José.



Ela: — Vou escrever-te muitos bilhetes postais.

Ela: — Escreve-me também muitos vales de correlo, sim?...

# Cacharolete

Já se foi o tempo mau, em que o nosso Portugal carpia, constantemente, a miséria nacional, como uma triste excepção, entre a riqueza geral.

Depois da tragedia imensa da grande guerra mundial, a miséria foi crescendo e fez-se internacional, atingindo proporções de drama fenomenal.

O Zé Povinho valente, quando pega num jornal, procura logo os artigos sobre a crise mundial, e sente um certo prazer em ver dos outros o mal.

Banqueiros americanos dão um krack colossal, a Inglaterra atravessa uma crise sem igual, e a Alemanha também tem a mesma sorte fatal.

«Grande nau, grande tormenta» — diz o povo e é bem certo. Se Portugal fôsse grande, ia agora parar perto, sem que o pudessem salvar, nem um tólo, nem um esperto...

## O HOMEM DOS TIMBALES.

Este calor sufocante, De derreter o miolo, Faz fugir da moradia O burguês, o rico, o tólo. Em demanda de calmante, De prazer e alegria.

Na Avenida, a reunião E' selecta e animada. De tudo ali se encontra: A dama estilizada, O vegele toleirão, A rechonchuda qual lontra...

Até parece um mercado Ostentando maravilhas, Cheio de produtos famosos, Os pais expondo as filhas Com modo bem descarado Aos D. Juans amorosos.

A D. Brites Afonso, Mais a filha Margarida, Nunca faltam á função. Feem cade'ra escolhida Para ver se algum «palonso» Pega naquele «canhão».

Mas, como se fôsse num ermo, Observando tal «beleza», Põem-se logo a «cavanir». Diz a mãe, com aspereza: — «Que castigo, que estafermo, Não ha meio de t'impingir!»

BRAZ MENDES.



— O réu é condenado a trabalhos forçados por toda a vida. — Então pedia licença para me sentar cinco minutos antes de começar...

# Um funcionario modelo

Um sujeito: — Faz favor?...  
O empregado: — Diga.  
Um sujeito: — E' para tratar de um casamento...  
O empregado: — Oh! um casamento...  
Um sujeito: — E' verdade. Vou casar.  
O empregado: — O senhor?!  
Um sujeito: — Quem havia de ser?...  
O empregado: — Está bem.  
Um sujeito: — Que é preciso fazer?  
O empregado: — Antes de mais nada, reflectir.  
Um sujeito: — Perdão! Não é isso. O senhor não compreendeu. Pergunto que papéis são necessários...  
O empregado: — Então sempre é certo... Coitado!  
Um sujeito: — Coitado?!...  
O empregado: — Sim, coitado... Creia que o lastimo sinceramente.  
Um sujeito: — Não percebo!  
O empregado: — Quere que lhe fale com sinceridade?... Lastimo-o porque o amigo tem cara de boa pessoa... Tem todo o aspecto de quem vai ser enganado...  
Um sujeito: — Que motivos tem o senhor para me dizer uma coisa dessas?!... A minha noiva é uma rapariga séria, uma rapariga que não vai ao cinema, que nunca viu uma revista...  
O empregado: — Isso não é uma razão... Casar!... Que ideia! Podia ter-lhe dado para pior, também é verdade...  
Um sujeito: — Eu...  
O empregado: — E o senhor sabe o que vai fazer?...  
Um sujeito: — Essas coisas não se perguntam...  
O empregado: — Sabe o que lhe acontece?...  
Um sujeito: — Perfeitamente. Serrei chefe de familia, pai de filhos...  
O empregado: — E como é que o senhor prova depois que os filhos são seus?...  
Um sujeito: — Eu...  
O empregado: — Já sei... Vem

dizer á gente que se parecem na testa e no umbigo...  
Um sujeito: — O amigo ha de concordar que as suas suspeições são um pouco violentas...  
O empregado: — Violentas?!... Ah! não!... Eu sei muito bem o que digo. O senhor está a falar com um homem casado, emfim, uh momentem que já tem a experiencia dessas coisas...  
Um sujeito: — Desculpe, mas...  
O empregado: — Está bem. Pronto! Não vale a pena discutir... Mas fique sabendo que apenas lhe dei bons conselhos... Cumpri o meu dever de homem e de funcionario do Registo. Agora, resolva como entender... Quere enforçar-se?... Enforque-se... Não tenho nada com isso!... Os papéis? Ah! mas advirto-o que não vem cá depois atirar com as culpas para cima de mim... Vamos, depressa!... Os papéis?...  
Um sujeito: — Os papéis?!...  
O empregado: — E' claro... Preciso afixá-los...  
Um sujeito: — Depois de tudo quanto o senhor acaba de dizer, eu, francamente...  
O empregado: — Perdão!... Não quero de maneira alguma influir na sua resolução...  
Um sujeito: — Compreende... Um homem nunca sabe para o que está guardado...  
O empregado: — Ha excepções...  
Um sujeito: — Ah! bom...  
O empregado: — Sim... Um caso em dez mil...  
Um sujeito: — O senhor conhece...  
O empregado: — Maridos que não são enganados?... Conheço. Em trinta anos de serviço, encontrei dois... O primeiro ficou viuvo no proprio dia do casamento...  
Um sujeito: — E o outro?  
O empregado: — O outro... casou-se ante-ontem... Olhe!... Vê aquela senhora que ali está no outro quichet?... E' a viuva!  
(O «sujeito» não teve tempo para dizer mais nada. Caiu fulminado com uma síncope).

# Noticias do dia

## Cuidado com as crianças

Ontem, pelas 23 e 24 e meio, um garotito, pouco mais ou menos menor foi brincar com outros companheiros seus para o Terreiro do Paço. A certa altura da brincadeira, resolveram entrar para o vapor de Cacilhas, que puzeram em andamento. Quando o navio já ia a meio do rio, um dos petizes, de nome Aurelio Pevide, lembrou-se de fazer marcha atrás, indo por esse motivo o vapor de encontro a um pequenino barco á vela que estava no rio. Dêste embate resultou o vapor de Cacilhas ficar bastante danificado e ainda, no meio da atrapalhação, ter caído ao rio a chaminé dêste, não havendo até agora esperanças de a salvar. Os pequenos que regressaram a terra, entrevistados por um nosso redactor, declararam ser sua intenção ir até Toledo pelo Tejo, para ver se era verdadeira aquela plada, que eles aprenderam na escola, de o Tejo poder ser navegavel até á antiga cidade eclesiastica da nossa vizinha Espanha.

## Pequenos delitos

Foi ontem julgado no Tribunal dos Pequenos Delitos um mellante acusado de ter penetrado de noite no Albergue Nocturno, com o pretexto de ir dormir e no fim ter estado toda a noite acordado. Foi condenado em sete anos de prisão, na alternativa numa das principais praças do país.

## Desordens

Ontem, ao cair da tarde, não se envolveram em desordem no Parque Mayer nenhuns dos seus frequentadores. Este facto, que já ha alguns dias se vem repetindo, tem causado bastante estranheza nos meios officiais.

## Do Estrangeiro

### A baixa do café

BRASIL. — O café, nestes ultimos tempos, tem baixado duma forma tal que, pelas ruas, os transeuntes são obrigados a andar com todas as precauções para o não pisarem. — (O'United Press).

### Os que morrem

FRANÇA. — Não tem morrido, nestes ultimos tempos, ninguém illustre, o que causa bastante arrelia ás agencias funerarias e aos oradores funebres, que tem em stock uma enorme porção de discursos ainda em muito bom estado. — (Favas).

### Os capacetes de aço

BERLIM. — Os chapeleiros andam bastante arrelizados, pois tem nos seus armazens quantidades enormes de capacetes de aço, que não vendem em vista da organização politica que os comprava não ter mais socios. Lavra grande indignação.

### Eclipse

ROMA. — Ontem, nesta cidade, eclipsou-se de casa dum illustre official de sapateiro a sua banca de trabalho. Os illustres sabios astronomicos, consultados ácerca do incidente, não deram uma resposta plausivel, prometendo que irão estudar o caso o mais detidamente possível. Entretanto, o sapateiro encontra-se indignado por não poder trabalhar, alegando que tem mais de dez pares de calçado por entregar.

# Parodia á canção do Romão alquinador da "Severa,"

## ORIGINAL

Nasceu á moça um menino,  
Eu não sei quem cá o pôs...  
Ou foi cura de Marvão  
Ou foi frade de Estremós...

As comadres, á procura,  
Não descobrem a verdade.  
Dizem umas: — «Foi o cura».  
Dizem outras: — «Foi o frade».

«— Meu amor, qual dêles foi,  
Faze a tua confissão?»  
«— Foi o frade de Estremós,  
Mal-lo cura de Marvão!»...

Julio Dantas.

## PARODIA

Nasceu á moça um menino,  
Quem seria o malandrão?  
Ou foi frade de Estremós  
Ou o cura de Marvão...

As ratas de sacristia,  
Jurando-nos que é verdade,  
Dizem todas, á porfia:  
«— Foi o cura mal-lo frade!»...

«— Menina, dize lá tu,  
Faze a tua confissão.»  
«— Foi o frade mal-lo cura,  
A melas c'o sacristião!»...

Ramiro de Andrade Gomes.



— O emprego que lhe propõem é recorrer aos jornais todos os factos graves que se passam na Europa.  
— Então talvez tenha que fazer serões...

75 - Rua de S. Paulo - 77

# Coisas que escapam

Aqui há dias, lia-se em um telegrama enviado a um jornal de Lisboa o seguinte:

«O cadaver de uma rapariga de 18 anos, cuja identidade é desconhecida, encontrava-se ainda quente e dando sinais de vida.»

Não se compreende lá muito bem como é que, sendo desconhecida a identidade da rapariga, se lhe ponde attribuir a idade certa e precisa de 18 anos.

E depois — que o cadaver se encontrava ainda quente, vá que passe... apesar d'ele andar boiando na agua fria; agora que esse cadaver dêsse ainda sinais de vida, não de cnvir que é um pouco duro de mastigar...

Que nisto de cadaveres... com vida, ha casos interessantes.

Ha varios e variados anos, appareceu misteriosamente morto, no seu quarto modesto, um pobre funcionario publico, que tinha pedido e alcançado licença para ir passar oito dias á terra com a familia.

Como se tratava dum crime, a reportagem lançou-se em busca de pormenores originaes e houve quem então escrevesse, descrevendo um quadro extra-horripilante:

O cadaver, que estava com os pés para a porta, tinha pedido oito dias de licença.»

Sem despirar para com a morte e o mortos, quer-me parecer que o cadaver não tinha pedido oito dias de licença — mas sim uma licença illimitada por toda a vida e, sendo preciso, mais seis meses...

Pondo de parte os mortos e tratando dos vivos...

Não ha muito tempo, referindo-se a uma fase dum concurso hippico, que se realizou debaixo de chuva, o cronista escreveu:

«Os cavalos, que corriam debaixo d'agua...»

O solipede vulgar, por uma questão de prudencia, corre por sobre a terra, mais ou menos solta e firme. As senhoras Walkirias parece que montavam cavalos que cavalgavam pelos espaços, serenos e gazosos. Os gregos tomaram Troia com o auxilio dum cavallo de pau. O Pégaso tambem vorava e deu a patada infeliz que fez brotar a fonte Castália para dar de beber inspiração aos poetas.

Mas cavalos: a correr debaixo d'agua — só conheço um: o hipocampo, ou cavallo-marinho, que por acaso não é nenhum cavallo que forneça as bengalas de cavallo marinho de tão contundentes e funestas consequencias corporais.

Para rematar, esta de uma cronica antiga:

«O homem deu um pontapé no gato, que lhe partiu uma perna.»

Pergunta-se: foi o gato que partiu a perna ao homem, ou foi o homem quem partiu a perna ao gato?

Fica esta charada a concurso para os leitores decifrarem, porque, quanto a mim — aqui ha gato...

# O NOSSO CONCURSO

## Parodia á quadra premiada do "Diario de Lisboa"

Acontecimentos imprevisitos que todos viram e ouviram e alguns sentiram alteraram os nossos projectos de dar neste numero a classificação final do nosso concurso.

Os nossos eleitores retraíram-se.

De alguns sabemos nós que debalde andaram debaixo da cama á procura duma caixa de correio para nos enviarem o seu voto.

E como nós não queremos que alguém deixe de votar, por motivos estranhos á sua vontade, prolongamos o prazo das eleições por mais uma semana, o que está perfeitamente de acôrdo com as leis e costumes.

Na proxima semana, pois, daremos o seu a seu dono, distribuindo os valiosos premios pelos felizes concorrentes, que assim alcançarão a sua independencia.

## Fóra do Concurso

Algunas quadras parodiando o primeiro premio do papá Diario de Lisboa, que não foram apresentadas ao concurso:

Tenho uma noção na vida — uma noção que me dana! — que me ficou dum soldado da Guarda Republicana!

Uma sua criada.

Tenho uma noção nas mãos pra salvar certos artistas... Ficou-me da obrigação de dar palmas nas revistas!

Um da claqué.

Tenho uma noção na vida que me fez descaradona! Ficou-me dum condutor que não quiz parar na zona...

Uma peixeira.

Tenho uma noção na vida que me fez igual a essas... Que me ficou dum policia que m'illudiu com promessas!

Uma amc.

Tenho uma noção na vida — uma noção... cor de rosa! — que me fez um primo meu que tem fama de Barbosa...

Uma ingenua.

Tenho uma noção na vida que não deve permitir-se! que me fez um condutor que não soube conduzir-se!

Uma sopena.

Pela cópia.

ANIBAL NAZARÉ.

# DESSPORTOS

## Um discurso virgiliano na Assembleia da Bola

Encontra-se reunida a magna assembleia da Associação de Football de Lisboa.

Alguem impõe silencio.

E, no meio desse socego absoluto, que nem sequer é quebrado pelo esvoaçar do mosquedo, ergue-se a figura donjuanica e tribunicia do grande orador desportivo Virgilio Demosthenes da Fonseca.

A sua voz, aguda e metálica, impõe não respeito mas curiosidade. E juven-se então estes dizeres, que o Semper Fixe divulga com prazer e alegria:

«Por mais que pense, não me lembro de ter dito bem duma Direcção que se tenha sentado nas cadeiras do poder da A. F. L.

A minha consciencia jamais me pode acusar dêsse defeito: dizer bem.

Mas, necessariamente (é um termo muito do agrado do orador), fujo desta vez a esse habito para dizer bem, só bem, dos actuais directores, que abandonam, contristados, as cadeiras do poder.

E vos juro, prazententemente, que nunca passou Direcção tão boa como esta pelas cadeiras do mando.

Digam, haja coragem para tal afirmar, se os conflitos desta época não são a prova irrefutavel daquilo que, em boa hora, afirmo.

Felizmente, posso falar de edificações. Faltam, para não esquecer, que me convém, impellido-me á estratagem de todos.

Como director do Imperio, depois Palhaço, e como presidente

da A. F. L., todos conhecem e todos apoiam a minha obra.

A minha acção, a minha palavra — com que orgulho o afirmo! — em todas as assembleias e congressos, é definitiva, inteira, quasi absoluta.

Esmago os meus adversarios de estreito criterio (o tribuno gosta de empregar estas palavras, que lhe parecem chics) unicamente com o auxilio da minha palavra de ouro.

Que importa que a Imprensa — que é a grande causadora de me tornar celebre e conhecido? afirme que não sei ler e que estou doido?

O mesmo disseram de Demosthenes e comtudo Demosthenes era um génio.

E além disso, eu tenho quasi a certeza, posso-o garantir ajoitadamente, que sei ler e que não estou doido! O diabo seja surdo!

As pessoas — isto vai á laia de declaração final — que atacarem esta Direcção ter-me-hão sempre pela frente, firme no meu posto, porque a «entidade» de vistas que nos liga é tão grande que quasi se pode dizer minha a sua obra grandiosa, magnantima, formidavel.»

E foi este o discurso que Demosthenes da Fonseca proferiu, na A. F. L., perante ovações ruidosas, marcando assim a politica de progresso e de unificação da mais importante associação de país para a realização, nesta época de Football Association.

JONICA.

# Semelhanças

Cabelos em pé, olhar esgazeado, fato em desalinho, a boca aberta num rictus de dôr e com sapatos amarelos de sola de Ceilão, um pobre homem corria como um louco pela rua Augusta, em direcção ao Rossio. Os transeuntes que o viam naquele feio estado julgavam tratar-se dum pobre louco.

O homenzinho em questão corria com tanta velocidade que ultrapassara já o Rossio e galgava agora a chamada Avenida da Liberdade, pelo passeio do lago onde está um café de fados, isto é, em sentido contrario áquele indicado pelo regulamento do transito.

Pela Avenida, os raros transeuntes que passavam olhavam gracado que no estado a que tambem pasmados para o des-acima, descrevemos corria, corria sempre.

A descrição que já fizemos da sua figura, temos agora a acrescentar tambem que o colete já ia de-abotoado e que um dos atacadores do sapato ia solto, acrescentando tambem, como pormenor, que os sapatos foram comprados a prestações numa sapataria da calçada do Combro.

O homenzinho estava á porta de frente duma casa de licores e, sem esperar que o policia sinalheiro lhe fizesse sinal, atravessou a Avenida e chegou ao Parque Mayer. O desgraçado que corria que mais parecia um louco, não pagou bilhete para entrar no Parque, não sabemos porque, mas procedendo a averiguações, souzemos mais tarde que ele não pagou a entrada porque estava muito bem visto pela direcção.

E assim correndo, ei-lo que chega até á Favorita. Percorre com a vista os frequentadores e, topando a certa altura com um seu conhecido, dirigiu-se-lhe, já com o atacador do outro sapato tambem desatado, e disse-lhe:

— O Machado, tu aqui e lá no Barreiro a tua casa a arder. Vai lá acudir depressa. Olha que a tua sogra é capaz de se salvar.

O interpelado, ao ouvir aquilo, levantou-se, mais livido do que uma capa de toureiro, e perguntou:

— O quê?! Eu tenho a minha casa a arder?

— Tens, sim! — gritou-lhe o desgraçado. — Eu venho mesmo agora do Barreiro e vi tudo o que te acabo de contar.

O outro não quiz ouvir mais e saiu mesmo sem pagar a despesa. Era ele agora quem corria a bom correr pela Avenida abaixo e assim chegou ao Terreiro do Paço, onde tomou um vapor para o Barreiro, estafado, a deitar os bofes pela boca fóra.

Um pouco mais socegado, e quando o vapor já ia no meio do mar, o homem começou a raciocinar e a recordar o que se tinha passado.

— Espera! — dizia ele lá de si para consigo — Mas eu não me chamo Machado. Certamente o homem confundiu-me por outro. Eu tambem não moro no Barreiro e não sou casado. Não posso, portanto, ter sogra. Ou eu me engano muito ou aquele recado não era para mim.

... E lá seguiu para o Barreiro, daça a impossibilidade de desembarcar no meio do rio.

MANOEL DUQUE.

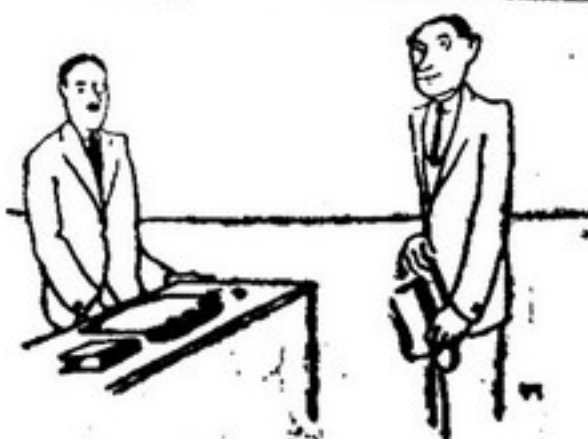
## Quereis dinheiro?

Jogai no



Rua de Angra, 11 — LISBOA

Sempre sortes grandes



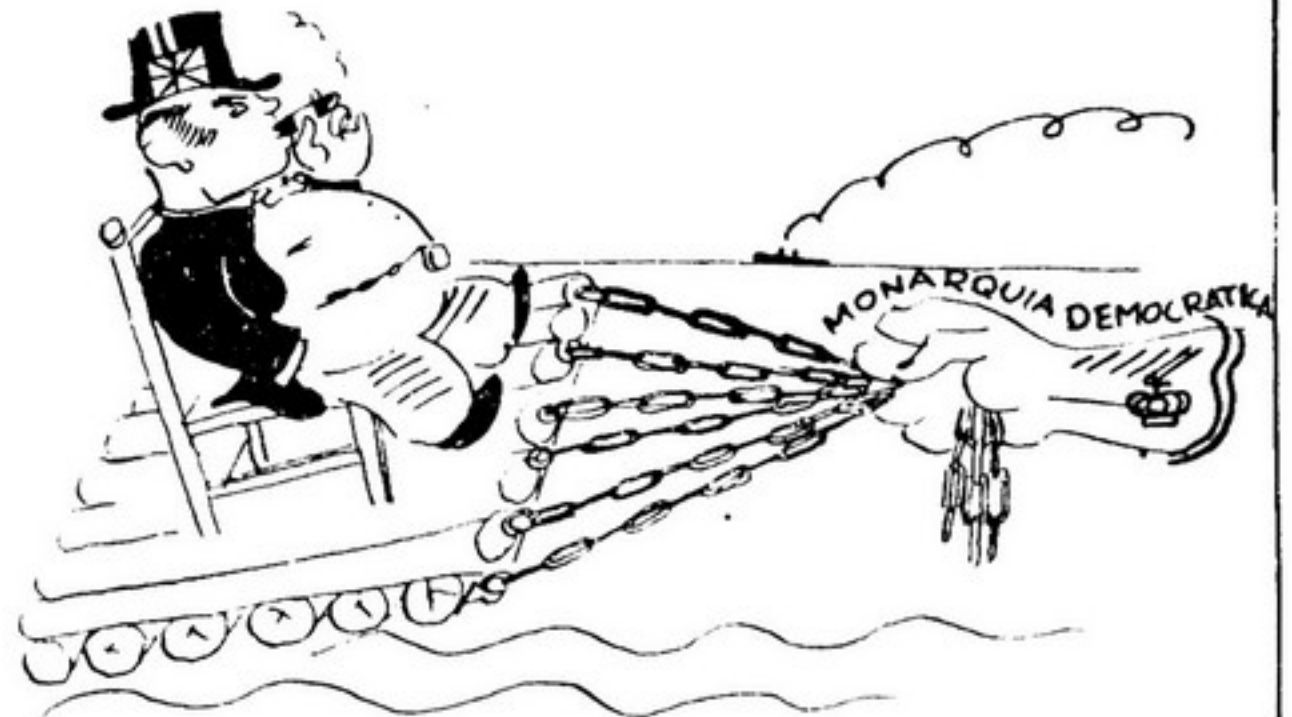
— Nada de vinho, álcool ou tabaco, e muito cuidado: não reabre portas de casa sem a minha ordem.  
— E depois, dormir?  
— Depois, com essas economias, não me poderá pagar as contas...

# ECOS DA SEMANA

EM DINAMARCA - OS NOVOS SEIOS DE LEITE COMPRIMIDO DÃO AS MAIS DESPEITADAS A ILUSÃO DE TÊTAS AUTÊNTICAS.



"JOHN BULE" VAI AO SABÔR DE VARIAS CORRENTES MAS SÓ UMA FORÇA AS PUXA



OS HABITANTES DE "CONSTANCIA" A FORÇA DE ESCAVAREM LIBRAS ESTÃO A CHEGAR AOS ANTIPODAS.

OS CONDUTORES DOS ELECTRICOS VÃO FICAR UNS "JOSEFINOS BAKERS" COM OS NOVOS MEALHEIROS.



QUANTOS NEÓFITOS VÃO A' PIA BAPTISMAL NÃO PELA CRENÇA MAS PELAS MÃOS DO "PARECEMAL" !!



DA PANÇA DO SALOIO DE GRANDOLA SAIRAM OS ESPIRITOS, AINDA FUMEGANTES, GRAÇAS AO BOM SERVIÇO DO PURGATORIO.

